



ARTE E EDUCAÇÃO: PROPOSIÇÕES DIDÁTICAS DO REVOLUCIONÁRIO BERTOLT BRECHT

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.4082

Marta Chaves, UEM

Paula Gonçalves Felício, UEM

Maria Rita Chaves Ayala Brenha, UEM

Vinícius Stein, UEM

Resumo

Neste estudo inicial, analisamos as contribuições das elaborações de Bertolt Brecht (1898-1956), dramaturgo alemão, para refletirmos sobre a Educação na atualidade. Discutimos, ainda que sucintamente, questões históricas do contexto alemão que influenciaram e motivaram as preocupações e as obras do autor, assim, apresentamos questões relativas aos aspectos econômicos, políticos e sociais do período em que foi desenvolvido seus escritos. Discorremos sobre a concepção de educação de Brecht e sua crítica à sociedade capitalista, por meio da peça “Terror e miséria do terceiro Reich” (1991) e “Se os tubarões fossem homens” (1993). A metodologia de pesquisa é a análise bibliográfica amparada no método Materialista Histórico-Dialético. Verificamos que as elaborações de Brecht nos oferecem contribuições para pensarmos a educação, pois constatamos que mesmo sua obra sendo escrita para atender uma necessidade de sua época, suas elaborações cabem à atualidade, principalmente, no tocante às reflexões de possibilidades para a realização de intervenções pedagógicas na perspectiva de uma educação humanizadora e emancipadora. Consideramos essencial que os cursos de Formação de Professores, seja inicial ou contínua, contemplem estudos acerca desta temática, dada a essencialidade da mesma em se tratando da educação formal das crianças.

Palavras Chave:

Educação; Arte;
Formação de
professores;
Materialismo Histórico-
Dialético.

Introdução

Ser educador nos dias atuais tem sido um desafio, pois, quando a prática social parece complexa, e ao mesmo tempo impotente, é preciso cuidado. Há um risco de se tomar os homens por essa medida aparente; como se ela fosse apenas fruto das suas ações imediatas e como se naturalmente tivesse que ser sempre assim. Para avançar além dessa constatação, é preciso da ciência que vá além do aparente.

Nesse sentido é importante retomar o dramaturgo alemão Bertolt Brecht. (1898-1956) que em seus escritos afirmava para que nos atentemos ao que parece habitual ou natural, desconfiemos do aparente, posto que denunciou em sua crítica à sociedade burguesa, a crise de uma ciência, justamente pelo fato de ela lidar com aparências e emergências. Nesse sentido, apresentamos, reflexões acerca da obra do autor, buscando compreender, ainda que sucintamente, o homem que somos e que formamos por meio da educação.

Neste texto, realizamos uma análise bibliográfica amparada no método Materialista Histórico-Dialético, discutindo questões históricas do contexto alemão que influenciaram e motivaram as preocupações e as obras do autor, assim, apresentamos questões relativas aos aspectos econômicos, políticos e sociais do período em que foi desenvolvido seus escritos. Discorreremos sobre a concepção de educação de Brecht e sua crítica à sociedade capitalista, em especial, por meio da peça “Terror e miséria do terceiro Reich” (1991) e “Se os tubarões fossem homens” (1993).

De acordo com Chaves (2000),

1“ Perseguição iniciada já em novembro de 1923 quando Hitler ensaia seu golpe de Estado, o conhecido “putch” da cervejaria em Munich. Brecht era o quinto homem da lista a ser assassinado caso o golpe tivesse êxito. Ressaltamos que Brecht experienciou diretamente

Brecht com suas poesias, músicas, peças e personagens nos instiga não só por seu estilo literário, mas, também, por apresentar as instituições sociais como elementos que contribuem para a estabilidade da sociedade capitalista, ocupando-se em promover a compreensão e superação da mesma. Para efetivar tal objetivo, procurou revelar a prática dos homens comprometidos e dependentes de instituições que legitimam a sociedade burguesa.

Objetivos

Analisar as contribuições das elaborações de Bertolt Brecht (1898-1956), dramaturgo alemão, para a refletirmos a Educação na atualidade.

Resultados

Os elementos que caracterizam a prática dos indivíduos, para Brecht, envolvidos diretamente ou não com a escola confirmam que a valorização de determinados comportamentos pela sociedade encontra-se evidenciados no interior da mesma, expressos sob a forma de conteúdo escolar, práticas didáticas, e até podemos mencionar a organização da rotina e do espaço escolar. Assim, não há independência da escola em relação à sociedade, e a aquela de fato referenda a prática social, à medida que traz em suas atividades cotidianas a forma de relação estabelecida pelos homens na luta pela vida, reproduzindo-a sem discuti-la ou estranhá-la.

Nascido em 10 de fevereiro de 1898, em Augsburg, pequena cidade no centro da Baviera, Alemanha, Brecht devido a perseguição efetivada pelos nazistas¹, questões históricas que

a Primeira Guerra Mundial como estagiário num hospital e durante a segunda guerra, em função das represálias que sofriam os que se opunham ao governo de Hitler, encontra-se exilado. Perdendo na nacionalidade alemã em 1935, percorreu durante o exílio diversos países, com Áustria, Suíça, Suécia, França, Finlândia, Dinamarca,

discorremos a seguir, deixou seu país em 1933, retornando apenas quinze anos depois. Em 1948 o referido autor chegou à zona soviética de Berlim Oriental, fundou uma companhia de teatro, em 1949, denominada Berliner Ensemble. “[...] Em 1950, com cidadania austríaca, fixou residência definitiva na então República Democrática Alemã, comprometendo-se com intensas atividades políticas e culturais” (CHAVES, 2000, p. 10). Em 1954 sua companhia de teatro fez sua primeira viagem pela Europa, contribuindo assim, para que o dramaturgo pudesse ser considerado um dos mais importantes do século XX. Faleceu em 14 de agosto de 1956, na Alemanha Oriental, em sua residência (CHAVES, 2000).

Brecht testemunhou as duas grandes guerras mundiais, assim como a organização e ascensão do nazismo em seu país. O intelectual assumiu nos anos de 1920 um posicionamento político, fazendo do teatro um instrumento de conscientização revolucionária – o dramaturgo defendia a história como produção humana, assim como, a consciência como consciência histórica - concepção que nos permite o aproximar com os pressupostos da Ciência da História. De acordo com Chaves (2000, p. 15) “travar uma luta teórica (que na verdade é prática) na Alemanha do Terceiro Reich ou no exílio, onde suas obras clássicas foram criadas, não era uma tarefa fácil”.

Apresentando-se expressamente como um defensor do conhecimento histórico, portanto, tomado de possibilidade transformadora, Brecht entende que a construção da sociedade sem classes, como afirmam os clássicos do marxismo, baseia-se no conhecimento da economia da sociedade capitalista (CHAVES, 2000). Nessa perspectiva, discorremos, ainda que sucintamente, questões históricas do contexto alemão

que influenciaram e motivaram as preocupações e as obras do dramaturgo, apresentando os aspectos econômicos, políticos e sociais do período em que foi desenvolvido seus escritos, particularmente, por meio da peça “Terror e miséria do Terceiro Reich” (1991) – escrita pelo autor entre os anos de 1935-1938, foi organizada em 24 cenas.

Em janeiro de 1933 Hitler torna-se chanceler da Alemanha. Blinkhorn (2000) afirma que desde o início do século XX o Partido Nazista encontrava-se em processo de estruturação – o Partido possuía 850.000 aderentes e um violento setor paramilitar, a SA, com 450.000 participantes. Brecht (1991, p. 186), em sua peça “Terror e miséria do Terceiro Reich”, escreve sobre essa questão da seguinte forma:

HOMEM – À polícia eu não vou. São umas feras. Você viu como o trataram.

MULHER – Também, para que ele se mete em política? Bem feito.

HOMEM – Também não precisavam ter rasgado o casaco dele. Gente pobre como nós que não tem nada sobrando.

[...] Como matilha de cães de caça, os SA farejam seus semelhantes e os perseguem. Atiram a presa aos pés dos gordos magnatas e fazem a saudação com o braço em riste. Têm as mãos vazias e sangrentas.

Neste trecho da peça, o dramaturgo apresenta o cotidiano alemão da época. Cumpre salientar que o Partido Nazista se apresenta como um fenômeno recente na história da Alemanha do início do Século XX. Nesse sentido, Lenharo (2006) e Blinkhorn (2000) asseveram que na história alemã não houve qualquer antecedente de um movimento político ou de massas que se assemelhasse com o Partido Nazista, sendo com isso um “[...]

Estados Unidos, de onde saiu em 1947, em função das investigações da Comissão de

Atividades Anti-Americanas” (CHAVES, 2000, p. 10).

‘partido sem história’ desconhecido da literatura burguesa e da socialista, uma ilha isolada na vida política alemã” (LENHARO, 2006, p. 17).

A projeção do movimento nazista na primeira metade do Século XX, é assim descrita por Brecht (1991, p. 267) “Lá vem os eleitores, em massa; deram cem por cento dos votos a quem os tortura. Não têm pão, não têm manteiga, não têm casaco. Votaram no Führer”. Em outro excerto da peça, o autor apresenta, conferindo especial destaque, à efetivação do poder moral e bélico nazista:

No quinto ano do governo daquele
Que se diz enviado de Deus,
Ouvimo-lo declarar ser chegado o
momento
De iniciar sua guerra; estavam
prontos os tanques,
Os canhões, os couraçados; os
aviões
Enchiam os hangares e eram tantos
que
Se alcançassem vôo juntos, a um
aceno de sua mão,
Os céus se escureceriam.
Nesse momento resolvemos passar
o povo em revista.
Que tipo de gente, em que situação,
e com que pensamento,
Acorrera ao chamado chefe,
disposta a marchar
Sob sua bandeira. Passamos em
revista o exército. (BRECHT, 1991,
p.183)

Dessa forma, para Blinkhorn (2000), antes mesmo do fim de 1933 a busca pelo poder do nazismo estava, efetivamente, completa. Em relação à estrutura e caracterização do poder no Terceiro Reich dois os principais pontos são relevantes mencionar: a encarnação do

princípio de liderança, na pessoa de Hitler (*Führer-prinzip*), e a distribuição de autoridade, responsabilidade e poder. Sendo assim, o entendimento da questão do poder, e o seu último propósito para o Estado Nazista, é fundamental para a compreensão dos fatos da época – neste caso, o poder seria usado para a regeneração da Alemanha decadente, a criação de uma comunidade racialmente homogênea, e a destruição do “bolchevismo”. Brecht (1991, p. 183-185) elucida:

[...] Só têm um desejo: que o povo alemão se torne grande, temido, fiel e obediente.

Noite de 30 de janeiro de 1933. Vêm pela rua dois oficiais da SS, aos tropeços.

PRIMEIRO SS – Estamos por cima. Que beleza, a marcha com archotes!

Ontem estávamos na miséria, hoje estamos na Chancelaria do Reich. Ontem éramos abutres famintos, hoje somos águias imperiais. [...]

SEGUNDO SS – Agora podemos ter a comunidade nacional. Prevejo um irresistível soerguimento moral do povo alemão.

PRIMEIRO SS – Mas primeiro temos que despertar a consciência do homem alemão, tirá-lo da situação da escória subumana. [...]

SEGUNDO SS – Você acha que ele vai conseguir criar a comunidade nacional?

PRIMEIRO SS – Ele consegue tudo! [...]

Neste diálogo temos a afirmação e reafirmação da moral em desenvolvimento na Alemanha. O espírito de superioridade, o poderio bélico em organização e, sobretudo, a condição miserável que convivia com a esperança no *Führer* – que, segundo Lenharo (2006), primava em portar-se como a idealização da moral prussiana – foram decisivos para o fortalecimento e ascensão do nazismo.

Neste contexto, a crítica de Brecht à educação burguesa, enquanto instituição promotora da sociedade capitalista, incide sobre a exaltação ao herói, prática frequente não só na Alemanha como também em outros países. Lembremo-nos de que este autor testemunhou as duas guerras mundiais do século XX, o que significa dizer que, sua geração foi marcada pelos princípios que referenciam os mortos no “*front*” e vangloriam os que retornam dos campos de batalha. Com as memórias vivas diante deles, manifestas nas imagens e experiências de toda sorte que as guerras forneciam, pouco sobrava para a reflexão e o conhecimento, e muito sobrava para a exaltação do herói, enquanto ideal almejado pela prática social. Essa prática, torna-se, conseqüentemente, presente no cotidiano escolar, sendo um dos elementos dos programas oficiais da rede de ensino.

Evidentemente, o descontentamento de Brecht com o conteúdo da educação não se restringe à educação da Alemanha, sua nação de origem, cuja função última no período em que Brecht frequentava os bancos escolares era preparar o homem para o Estado. A escola conhecida pelo jovem Brecht, é expressão da educação europeia que se edificou sobre as bases da filosofia grega, do direito e teoria do estado romano e do pensamento cristão, marcas postas desde a Idade Média e início da Idade Moderna. A dinâmica social que deu origem à organização da educação formal, determinou a estruturação dos mosteiros cristãos que representavam a primeira forma de ensino institucionalizado, formando padres, escrivães e médicos, que, em última instância, responsabilizavam-se pela ordem e bem-estar, moral, comercial e físico dos homens. Lembramos que durante a renascença, o sistema educacional passou a orientar-se pelo pensamento humanista, e em tal contexto, a razão tornava-se o critério da ação. Posteriormente, nos séculos XVII e XVIII, tendo como

referência a filosofia iluminista, a educação fazia a defesa do Estado Moderno (CHAVES, 2000).

A partir da assertiva, pondo em discussão a importância da consciência histórica, Brecht, assumidamente amparado pelos clássicos marxistas, faz inúmeras referências críticas ao conteúdo da escola burguesa. Entre as diferentes obras que tratam desta questão estão “As histórias do Senhor Keuner”. Formando um conjunto de 87 crônicas, pequenos textos escritos no início da década de 1930, trazem certezas e indagações pertinentes ao comportamento humano. Para tratar temas como nacionalismo, princípio religioso, perseguição aos opositores do regime nazista, Brecht (1993) cria o Senhor Keuner, que se posiciona criticamente contra estas e outras questões na luta pela vida. Em uma das curtas histórias e utilizando-se do conto intitulado “Se os Tubarões fossem Homens”, o autor enfatiza algumas instituições sociais entre as quais a escola.

Para tal, põe um diálogo entre o Senhor Keuner e uma menina filha de uma hospedeira, que simboliza no conto a ingenuidade, o caráter de naturalidade que os homens dão às questões da sociedade. Brecht utiliza este conto como recurso didático, em seu permanente exercício de desvelar os mecanismos da sociedade capitalista, destacamos que este texto pode ser considerado como uma síntese da obra de Brecht. Quando a menina indaga o Senhor Keuner sobre como seria o mundo se os tubarões fossem homens, a resposta, dada com muita astúcia, é um exemplo do comportamento desse autor, diante da dificuldade de sobreviver nos anos trinta, em função da perseguição política que sofriam aqueles que se opunham à ordem, não somente vigente na Alemanha, mas em todo mundo. Eis como, em linguagem figurada e irônica, o Senhor Keuner a desmistifica, tratando da forma oficial de se educar o homem na sociedade capitalista:

“Como é natural, nessas grandes

caixas também haveria escolas. E nessas escolas os peixinhos aprenderiam como se nada na goela dos tubarões. [...] É claro que a formação moral dos peixinhos seria o mais importante. Ensinar-lhes-iam que nada é mais sublime nem formoso do que um peixinho que se sacrifica alegremente, e todos deveriam ter fé nos tubarões, sobretudo quando prometem zelar pela felicidade futura. Far-se-ia os peixinhos compreender que um tal futuro só estaria assegurado se aprendessem a obedecer. [...]" (BRECHT, 1993, p.57)

Brecht denuncia a escola, instituição social cuja rotina diária e conteúdo preparavam meninos e meninas, "os peixinhos", para incorporar valores morais, caros à sociedade capitalista. Os exercícios aparentemente realizados de forma integrada, a relação mediada pela falsa ideia de bondade e alegria são práticas constantes. A ideia de sacrifício, é fundamental e permanentemente exaltada (CHAVES, 2000). Brecht, reafirma a condição da educação para subserviência, em geral, oferecida à classe trabalhadora nas instituições educativas. Escreve:

Se os tubarões fossem homens, por certo fariam guerra uns aos outros para conquistar caixas e peixinhos estrangeiros. Mandariam os seus próprios peixinhos para a guerra, e ensinar-lhes-iam que há enorme diferença entre eles e os peixinhos dos outros tubarões. Como toda gente sabe, proclamariam, os peixinhos são mudos mas calam-se em línguas muito diferentes e por isso é impossível entenderem-se. A cada peixinho que matasse na guerra uns quantos peixinhos inimigos, dos que se calam noutra língua, seriam dadas uma condecoração de algas marinhas e o título de herói. (BRECHT, 1993, p.58)

Em nosso entendimento, Brecht não responsabiliza particularmente a educação pela edificação da sociedade

burguesa. No entanto, o autor, apresenta esta instituição como instrumento legitimador daquela sociedade do seu tempo, cuja estrutura permanece a mesma até os dias atuais. O autor evidencia quanto os livros didáticos, instrumentos do universo escolar podem servir, e correntemente têm servido de respaldo ou para naturalizar [demonstrar como curso natural da história] o modo de ser da sociedade capitalista, pois trazem em muitas de suas ilustrações e textos a defesa de valores patrióticos expressos na exaltação ao herói. Entretanto, o fato de Brecht mostrar-se um crítico da educação, não quer dizer que atribui à escola a responsabilidade de preparar os homens para a ação Revolucionária. Logo, não é a ausência de conteúdo revolucionário que Brecht critica, mas sim o fato de que por ser burguesa, o conteúdo escolar não pode revelar a contradição social.

Portanto, em conformidade com Chaves (2010), Brecht defende que a organização da escola pode ter apenas duas orientações – ou limita o sujeito à sua realidade imediata e, "minimamente, ensina-lhes códigos e expõe-lhe informações, ou se efetiva como um cenário que instiga para os desafios ou atua em favor de que todos se apropriem das grandezas da ciência e do belo, materializado por meio da Arte [...]" (CHAVES, 2010, p. 73).

Considerações Finais

Verificamos que as elaborações de Brecht nos oferecem contribuições para refletirmos a educação, mesmo que sua obra foi escrita para atender uma necessidade de sua época, suas elaborações cabem à atualidade, principalmente, no tocante às reflexões de possibilidades para a realização de intervenções pedagógicas na perspectiva de uma educação humanizadora e emancipadora.

O fato de Brecht ter vivido sob o nazismo e de ter produzido suas peças nessas circunstâncias não invalida a

atualidade de suas questões. É um fato que, em seu momento, toda a sociedade estava sendo intencionalmente reeducada para o nazismo, todas as formas de manifestação, estavam comprometidas com o nazismo. Este se apresentava como a alternativa natural para os desdobramentos históricos da Alemanha, uma vez que o conhecimento e a teorização, enfim, a racionalidade, foram paulatinamente dispensados ao longo do próprio percurso da filosofia alemã, de Shelling até Hitler - que dirá de outros espaços (LUKÁCS, 1972). Restavam, portanto, poucas e clandestinas opções aos opositores ao regime. Música, literatura, propaganda, imprensa, símbolos, discursos eloquentes, provocavam a identificação, a emoção irrefletida. E, nesse momento particular, as peças de Brecht tinham um sentido político de resistência muito particular.

Reafirmamos o entendimento da relevância de estudarmos os clássicos, conforme o conceito de Saviani (2003), tornam-se clássicos, o que resistiram ao tempo. Como é possível perceber, os problemas apontados por Brecht permanecem em nossa época com marcas aparentemente democráticas, solidárias, cujas estratégias de harmonização social em muito se assemelham às anteriores. Assim, consideramos fundamental que os cursos de Formação de Professores, seja inicial ou contínuo, contemplem estudos acerca desta temática, dada a

essencialidade da mesma em se tratando da educação formal das crianças, sendo uma possibilidade de refletir sobre a dinâmica escolar e avaliar a atuação dos educadores, em favor de uma educação humanizadora e emancipadora.

Referências

- BRECHT, Brecht. **Histórias do senhor Keuner**. Lisboa: Hiena, 1993.
- BRECHT, Brecht. Terror e miséria do Terceiro Reich. In: BRECHT, Bertolt. **Teatro Completo em 12 volumes**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- BLINKHORN, Martin. **Fascism and the Right in Europe 1919-1945**. London: Longman, 2000.
- CHAVES, Marta. **Reflexões sobre história e educação: a luta revolucionária no teatro de Bertolt Brecht**. 2000. 109f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2000.
- CHAVES, Marta. Intervenções pedagógicas humanizadoras: possibilidades de práticas educativas com artes e literatura para crianças na educação infantil. In: CHAVES, M.; SETOGUTI, R. I.; MORAES, S. P. G. de. (Org.). **A formação do professor e intervenções pedagógicas humanizadoras**. Curitiba: Instituto Memória Editora, 2010. p. 59-69.
- LENHARO, Alcir. **Nazismo: “o triunfo da vontade”**. São Paulo: Ática, 2006.
- LUKÁCS, George. **El Asalto a la razón**. 3 ed. Barcelona: Ediciones Grujalbo, 1972.
- SAVIANI, Demerval. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. 8. ed. Ver. E ampl. Campinas: Autores Associados, 2003.